

## A HISTÓRIA REVISITADA NAS EPÍGRAFES DE *O OUTRO PÉ DA SEREIA*

Ana Cláudia da Silva (UNESP/CNPq)

RESUMO: No romance *O outro pé da sereia* (2006), Mia Couto revisita um episódio da história de Moçambique, reconstruindo-o ficcionalmente e inserindo-o numa narrativa do tempo presente. Trata-se de uma expedição que sai de Goa a Moçambique, em 1560, com duplo objetivo: levar presentes ao Imperador do Monomotapa e expandir a fé católica em terras africanas. Nosso objetivo é analisar como se dá essa reconstrução ficcional da História, e os mecanismos da construção narrativa – especialmente as epígrafes – que permitem que o leitor viaje entre dois tempos, promovendo a recuperação do passado no presente, numa chave de leitura que remete à própria construção identitária da nação moçambicana.

PALAVRAS-CHAVE: literatura moçambicana; Mia Couto; novo romance histórico contemporâneo.

ABSTRACT: In Mia Couto's novel *O outro pé da sereia* (2006), an episode of Mozambican history is revisited, fictionally reconstructed and inserted in a narrative that takes place in the present. The episode that inspires the plot is an expedition from that leaves Goa and goes to Mozambique in 1560, with a double purpose: take presents to the Emperor of Monomotapa and expand the Catholic faith in African lands. Our goal is to show how the fictional reconstruction of history is built, what mechanisms of narrative construction – specially the epigraphs – are used to allow the reader to travel between two different moments in time. It is a way of promoting the recovering of past events in the present, in a reading that refers to the very foundations of the national identity of Mozambique.

KEYWORDS: Mozambican literature; Mia Couto; new contemporaneous historical romance

Neste artigo, procuramos abordar uma questão estrutural do romance *O outro pé da sereia*, publicado em 2006 pelo escritor moçambicano Mia Couto. Em seus três primeiros romances, o autor focalizou a guerra civil moçambicana, que teve lugar no país após a descolonização. Em seguida, em 2002, o autor publicou outro romance, *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (a edição brasileira é de 2003), no qual os conflitos pós-coloniais continuam presentes. Em *O outro pé da sereia*, lançado simultaneamente em Portugal e no Brasil, o autor constrói uma narrativa intrincada, em que a configuração de uma identidade nacional moçambicana, motivo constante em suas obras, é novamente questionada. Neste romance, o autor insere uma narrativa em segundo grau, na qual faz um recuo na história do país, abordando um evento ocorrido em 1560: a chegada de D. Gonçalo da Silveira, um missionário jesuíta que havia sido enviado àquela região nos idos de 1560, para converter o Imperador e o reino do Monomotapa, no sertão moçambicano.

A história de D. Gonçalo será lida por Mwadia – a primeira protagonista feminina do autor. Como já havia acontecido em *Terra sonâmbula* (1995) – obra com que o autor estréia na ca-

tegoria romance – aqui também a leitura funcionará como elemento de ligação entre mundos ficcionais diversos: o da protagonista, vivendo as tensões de um Moçambique do século XXI, e o do jesuíta, no século XVI. Mwadia encontra alguns escritos num baú, junto à ossada que revelar-se-ia ser do jesuíta; sua leitura depois cede lugar a uma encenação realizada pela protagonista, partícipe de um esquema de logro com o qual os habitantes da fictícia Vila Longe pretendiam vender, a um casal de turistas – ele, afro-estadunidense, e ela, afro-brasileira – o que ali tinham vindo buscar: suas míticas raízes africanas.

O romance é composto de dezenove capítulos, dos quais doze passam-se no presente da narrativa, com a duração de um mês (dezembro de 2002); um dos capítulos contempla uma analepse em que o tempo recua em aproximadamente dois anos antes de 2002; nos outros seis, a ação representada tem a duração de três meses – de janeiro de 1560 a março de 1561. Chamaremos estes seis capítulos de núcleo historiográfico do romance, entendendo que o jogo que o autor realiza aqui com o fato histórico da expedição jesuítica não se identifica com o romance histórico tradicional, no qual a ação acontece num passado distante do presente do autor, com uma trama fictícia, tecida com personagens e fatos inventados (Esteves 1998: 129). Não é este o caso deste romance, cujo tempo mescla um passado longínquo com um presente do qual o autor também participou.

A feitura deste romance aproxima-o do chamado novo romance histórico latino-americano, termo empregado pela primeira vez pelo crítico uruguaio Ángel Rama, em 1981, para referir as mudanças pelas quais a narrativa hispano-americana vem passando nos últimos anos, que incluem uma forma particular de tratar a história (Esteves 1998: 132). As especificidades do novo romance histórico latino-americano vêm sendo minuciosamente estudadas por Antônio Roberto Esteves. Ao pensar a composição de *O último pé da sereia* (Couto 2006) a partir desses elementos, podemos traçar as seguintes observações.

De acordo com Esteves (2006: 133), o novo romance histórico latino-americano faz uma releitura crítica da história, rejeitando a legitimação operada pelas versões oficiais; aproxima-se do fato real, distanciando-se da versão fixada pela historiografia. Esta releitura, no núcleo histórico de *o outro pé da sereia* (Couto 2006), se dá pela criação de personagens coadjuvantes fictícias, tais como o padre Manuel Fernandes e o escravo Nimi Nsundi. São essas as personagens que operam uma releitura crítica dos objetivos e resultados daquela expedição.

Já o perfil do protagonista do núcleo historiográfico, D. Gonçalo da Silveira, coincide com aquele traçado pelos documentos (cartas, biografias) nos quais se baseou Mia Couto para recompor este episódio. Nesta personagem não há rupturas, ela é construída inteiramente de acordo com os relatos históricos que dela tratam, e que são indicados pelo autor nas epígrafes. Isto pode ser verificado, por exemplo, na monografia intitulada “Dos primeiros trabalhos dos portugueses no Monomotapa: o padre D. Gonçalo da Silveira”, apresentada em 1892 por Antônio Pereira de Paiva e Pona à 10ª. Sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas, em Lisboa. Trata-se de um escrito que contém várias partes: um relato historiográfico do autor, que abrange a chegada dos portugueses na costa da África Oriental; o mapeamento das viagens que Vasco da Gama realizou por aquelas paragens em 1498 e 1501, bem como as informações que sobre a terra colheu para levar à corte, principalmente sobre o ouro que ali se encontrava; as descrições de Simão Botelho das fortalezas de Sofala e Moçambique; notícias do Império do Monomotapa redigidas por Duarte Barbosa – que certifica a existência de D. Gonçalo da Silveira e Antonio Caiado, ambos ficcionalizados por Mia Couto; informação da amizade existente entre Camões e Silveira<sup>1</sup>, o que justificaria a escolha de um fragmento d’Os

1 Camões dedicou ao jesuíta o seguinte soneto: “Não passes, caminhante. Quem me chama? / Hua memoria nova e nunca ouvida, / De hum que trocou finita e humana vida / Por divina, infinita e clara fama. // Quem he, que tão gentil louvor derrama? / Quem derramar seu sangue não duvida, / Por seguir a bandeira esclarecida / De um captao de Christo que mais ama. // Ditoso fim, ditoso sacrificio, / Que a Deos se fez e ao mundo juntamente! / Pregoando direi tão alta sorte. // Mais poderás contar a toda gente / Que sempre dou na vida claro indício / De vir a merecer tão santa morte” (Camões apud Pona e Paiva 1892: 16).

*Lusíadas* como uma das epígrafes do capítulo nove do romance de Mia Couto (a estrofe faz referência à morte de D. Gonçalo); transcrição das cartas acerca do Monomotapa, escritas entre 1560 e 1562 pelos missionários jesuítas.

Nessa monografia, encontramos muitas descrições e narrativas que Mia Couto aproveitou, com fidelidade à matéria relatada, para compor detalhes da vida e morte de D. Gonçalo da Silveira, bem como da expedição que o levava ao Monomotapa. Como exemplos podemos citar o fato de que o jesuíta recusara todos os presentes que lhe enviara o imperador, exceto o milho; ou de que o missionário andava muitas vezes descalço, o que lhe causava feridas nos pés; ou, ainda, o fato de ser ele o décimo filho de sua mãe, que morreria no seu parto.

O novo romance histórico apresenta também uma multiplicidade de perspectivas possíveis do fato, até por vezes contraditórias (Esteves 2006: 133). Nisto difere o romance de Mia Couto, que conserva uma perspectiva mais tradicional, unificada: quer seja na história-moldura, quer seja na história do segundo nível, tudo é visto por um narrador heterodiegético, que narra de um ponto de vista onisciente.

Esteves aponta também a eliminação da distância épica entre o autor/leitor e a matéria narrada como outro elemento de composição do novo romance histórico, que conta também com a superposição de tempos diferentes (1998: 133). Em *O outro pé da sereia* (Couto 2006), a aproximação do passado ao presente é dada quer pela leitura que Mwadia faz dos diários de bordo do Padre Manuel Antunes, quer por outros elementos de composição que transitam de um para outro nível narrativo. Como exemplo, poderíamos mencionar o sonho de Zero Madzero, relatado no primeiro capítulo:

Madzero sonhou que as suas mãos se juntavam, duas chamas numa única fogueira. Em lugar dos dedos, lhe doíam dez pequenas labaredas. Foi então que outras mãos, feitas de água, se aconchegaram nas suas e aplacaram aquele incêndio. Eram as mãos de mulher. *Seriam as minhas*, adiantou-se Mwadia. Não. Aquelas eram mãos de mulher branca. E a mulher do sonho vaticinou:

— *As minhas mãos são de água. Sou feita para a sede dos homens.*

A voz ecoou na cabeça do pastor. As palavras o sacudiram por dentro. A voz tomava posse dele, usando a boca para falar:

— *Eu sou a mulher.* (Couto 2006: 20, itálicos do autor)<sup>2</sup>.

Este sonho se que se repete posteriormente, na trama – mas anteriormente, na fábula –, na carta que Nimi Nsundi escreve para a escrava Dia Kumari, no capítulo seis:

*As minhas mãos se juntavam e pegavam fogo. Em lugar de dedos me ardiam dez pequenas labaredas. Era então que outras mãos, feitas de água, se aconchegavam nas minhas e aplacavam aquela fogueira. Essas mãos eram as da Santa. E ela me segredava:*

— *Este é o tempo da água.*

*Era a voz da Santa que me percorria por dentro. A voz tomava posse de mim. E agora que lhe escrevi esta carta, vejo que esta letra não me pertence, é letra de mulher. Meus pulsos delgados se recolhem ao peso de um cansaço de séculos. Meus dedos não têm gesto, meus dedos são o próprio gesto. Eu sou a Santa.* (Couto 2006: 114)

---

2 Na obra de Mia Couto, os diálogos (e, em geral, tudo o que representa uma fala da alteridade: cartas, diários etc.) são grafados sempre em itálico, não tanto para destacá-los no corpo do texto, mas, principalmente, para conferir relevo à dimensão da oralidade, marcadamente presente nas culturas africanas, que aparece como substrato nas narrativas do autor: é das culturas da oralidade que Mia Couto retira os elementos para sua criação ficcional.

Passado e presente encontram-se, assim, não apenas superpostos pelos elementos mencionados acima, mas também imbricados, ainda que separados em capítulos diferentes. Vale observar que os capítulos do núcleo histórico têm, no romance, uma distribuição regular, em múltiplos de três: trata-se dos capítulos três, seis, nove, doze, quinze e dezoito.

No novo romance histórico, segundo Esteves (1998: 133), as fontes históricas podem ser ficcionalizadas, ou então documentadas com pormenores. Em *O outro pé da sereia* (Couto 2006), encontramos a indicação de fontes históricas nas epígrafes que abrem os capítulos do núcleo histórico, as quais vão aparecendo de forma progressivamente mais detalhada.

A paratextualidade constitui, em Mia Couto, um importante mecanismo de composição ficcional, uma vez que nos paratextos podem ser encontradas importantes chaves de leitura para as obras. Ao longo de sua produção romanesca, percebemos um trabalho cada vez mais apurado com os paratextos, o que se revela no crescente detalhamento com que o autor refere as fontes das epígrafes, sempre abundantes, especialmente neste seu último romance.

No capítulo três de *O outro pé da sereia* (COUTO 2006), por exemplo, há duas epígrafes, ambas com indicação de autoria: uma delas é de D. Gonçalo da Silveira, em carta aos jesuítas que estavam na Índia (em Goa, de onde partira a expedição de Silveira); a outra, pertence ao monge Hugo de St. Victor, em citação extraída de *Orientalismo*, de Edward Said (2007), obra basilar dos estudos culturais que, não por acaso, é evocada neste romance: Said apresenta, na referida obra, uma geografia imaginária do Oriente, concebida nas culturas ocidentais; por sua vez, a África que os turistas afro-americanos pretendem encontrar ao aportarem em Vila Longe pertence mais ao imaginário do que à realidade africana propriamente dita.

No capítulo seis, as duas epígrafes aparecem com a indicação não somente do autor, mas também das obras da qual foram extraídas: a primeira é de James Henderson (s/d) e encontra-se no texto doutrinário *Le baptême par le Saint-Esprit*, que podemos localizar no site da Worldwide Church of God Africa; a segunda, do filósofo francês Dany-Robert Dufour, em *A arte de reduzir cabeças* (2005), é um comentário circunstancial, meramente ilustrativo, que se encontra tanto no prefácio, quanto na primeira orelha do livro, o que demonstra uma certa irreverência do autor na seleção de suas fontes.

No nono capítulo, Mia Couto dá indicações bem mais precisas de suas fontes na primeira epígrafe: trata-se da estância 93 do Canto X de *Os lusíadas* (Camões 1979), na qual a máquina do mundo descortina a Vasco da Gama o império do Monomotapa (àquela altura, denominado Benemotapa), com sua riqueza abundante em ouro (donde se infere o interesse pela "evangelização" dos nativos); ali, Vasco da Gama vislumbra o martírio de Gonçalo da Silveira pela "selvática gente, negra e nua" (Camões 1979: 377) do Monomotapa. Da segunda epígrafe, sabe-se apenas a autoria, que é de D. Gonçalo da Silveira, e o ano: 1557. Observa-se aqui que o autor dá referências mais precisas da obra literária do que da carta escrita pelo jesuíta.

O capítulo doze apresenta três epígrafes: da primeira, sabemos apenas que pertence a D. Gonçalo da Silveira, e descortina a ideologia racista do evangelizador: "Ó cafres, de pretos que sois, quão brancas espero em Deus serão vossas almas" (Couto 2006: 196). A segunda epígrafe deste capítulo, fictícia<sup>3</sup>, é atribuída à personagem literária D. Gonçalo da Silveira, em confissão a outra personagem, o padre Manuel Antunes; nesta epígrafe, a realidade parece, ironicamente, trair a exortação da epígrafe anterior: o bispo confessa ao seu colega que "O mais grave nos negros não cristãos não é serem selvagens. Mas é estarem convertendo em selvagens os portugueses que são brancos e cristãos" (Couto 2006: 196). Tal é a trajetória do padre Manuel Antunes, no romance: o jesuíta, que aprendera as artes de adivinhação, fixa-se em terras africanas, e passa a ser considerado pelos habitantes locais como um nyanga (adivinho, lançador de búzios) branco; a esta transformação corresponde a atribuição de um novo nome à personagem, que passa a ser chamado de Muzungu Manu Antu (COUTO 2006: 313). Note-se, porém,

3 Nas obras anteriores de Mia Couto, a ficcionalização das epígrafes é um procedimento constante.

que o epíteto “muzungo”, palavra usada nas línguas bantas para referir “homem branco”, deixa claro que a condição de estranhamento do jesuíta permanece, apesar da conversão.

A terceira epígrafe deste capítulo, por sua vez, evoca um documento de autoridade eclesial, qual seja a carta do papa Nicolau V ao rei de Portugal, datada de 1452, na qual o pontífice autoriza o rei a capturar e escravizar os não-cristãos (Couto 2006: 196). Trata-se da bula papal denominada *Dum Diversas*, cujo trecho mais famoso é justamente aquele selecionado por Mia Couto, o qual pode ter sido retirado de fontes as mais diversas, que vão desde o documento original e artigos jornalísticos (Schwartzman 2005) até fóruns e blogs na internet que discutem a condição do negro.

O penúltimo capítulo do núcleo historiográfico (décimo quinto do livro) inicia-se com outras duas epígrafes, ambas fielmente transcritas dos relatos históricos. A primeira é um trecho de uma carta do padre André Fernandes, publicada na monografia de Paiva e Pona (1892), da qual Mia Couto indica a autoria, a data, a obra, o destinatário da carta, a editora e o ano de publicação. Quanto à segunda epígrafe deste capítulo, o autor indica ser uma citação do padre D. Francisco de Mattos, feita por Bertha Leite na obra *D. Gonçalo da Silveira*; trata-se de uma extensa biografia do jesuíta, publicada pela autora em 1946.

O capítulo dezoito, que encerra o núcleo historiográfico do romance, apresenta quatro epígrafes: a primeira é de Dom Gonçalo da Silveira, presumidamente citado pro António Franco em *Imagem da Virtude no Noviciado de Coimbra*; a segunda é também de D. Gonçalo em carta ao padre Leão Henrique; a terceira, literária, é de Pe. António Vieira, em trecho extraído do “Sermão de Santo António”, de 1670. A última epígrafe, na qual se narra a morte de D. Gonçalo da Silveira, é que contém os dados mais detalhados sobre a sua fonte: autor, assunto, título e subtítulo da obra, páginas, editora e data. A historicidade dos paratextos fica, assim, documentada.

A riqueza do detalhamento crescente das fontes autorais ao longo do romance parece levar em consideração o trabalho da crítica, que tem ali pistas cada vez mais exatas para a localização dos documentos nos quais o autor baseou a sua produção. Não sem mérito, visto que este romance tem sido considerado pela crítica como o mais bem elaborado da obra do autor, comportando elementos de novidade em relação à sua produção anterior: a mulher, aqui, ganha um papel de destaque, diferentemente dos outros romances, no qual ocupavam um papel secundário; além disso, tão decantada linguagem coutiana recebe aqui um tratamento mais refinado, sem os neologismos excessivos – as chamadas “brincadeiras” – que marcam os outros textos coutianos. Ao ser interrogado sobre as rupturas que este romance estabelece com o conjunto de sua produção, responde Mia Couto (2006c):

Não sei se eu consegui, mas eu quis que houvesse não uma ruptura, mas uma descontinuidade e, a certa altura, me apetecia fazer alguma coisa que fosse diferente, que não fosse tão apegada à reconstrução de uma linguagem trabalhada. A mim punha-se assim: pior do que não escrever um livro é escrever esse livro demasiadamente, escrever em demasia. Então eu optei por ensaiar uma escrita mais fluida, menos trabalhada do ponto de vista da criação do neologismo e que fizesse com que a história valesse mais por si mesma. Obviamente que não consigo desligar-me de um certo tom poético, de um certo trabalho poético, mas isso eu não quis fazer, também. Não sei se eu consegui não fazer ou fazer, mas há esta tentativa de escrever numa linguagem mais enxuta.

Mia Couto aproxima-se, com este romance, do novo romance histórico contemporâneo, sem chegar, contudo, a assimilar completamente o modelo latino-americano. Nele, o autor opera, como ele mesmo diz, um jogo lúdico com um dado episódio da história do seu país: “Eu não tive nenhuma pretensão de fazer um trabalho histórico, não é um romance histórico,

é um diálogo com um episódio da História, simplesmente. [...] O que está ali é um jogo, é uma brincadeira com um episódio da História” (Couto 2006c).

O leitor de Mia Couto encontra na bagagem do escritor a presença constante tanto da poeticidade dos relatos, quanto do substrato histórico. O embate com a história do seu país, embora diretamente representado em *O outro pé da sereia* (COUTO 2006), não é uma novidade na obra do autor. A História esteve sempre presente, como pano de fundo das as tramas dos romances anteriores do autor<sup>4</sup>.

Inquirido sobre a presença da história na sua obra, Mia Couto, em entrevista para a Rádio USP, lembra-nos que a sua obra sempre se pautou por uma relação com a história contemporânea de Moçambique:

Eu escrevo *Terra sonâmbula* quando a guerra estava a acontecer; eu escrevo *A varanda do frangipani* com o período de transição ainda a acontecer; eu escrevo *O último voo do flamingo* já olhando a guerra e o processo de pacificação à maneira de quem olha para trás. Eu acho que o fazer da História está tão presente, ele próprio é tão ficcional – nós estamos vivendo em países que se estão escrevendo eles próprios, estão se inventando, estão nascendo e nós estamos nascendo com eles – e não é possível separar uma coisa da outra. E eu sou de tal maneira parte desse processo, desse parto, desse nascimento, que não me vejo existente fora dele, só ali tenho dimensão. (Couto 2006c)

Imerso de forma ativa e crítica na história contemporânea de seu próprio país, Mia Couto realiza, contudo, em *O outro pé da sereia* (Couto 2006), uma regressão a um passado remoto, que data do início da colonização portuguesa em terras moçambicanas. Há para isso uma razão, a qual é explicitada pelo autor:

Há um registro escrito deste encontro do D. Gonçalo da Silveira com o Imperador que me pareceu tão sugestivo, e tão rico de mal entendidos, que eu pensei que isso podia ser mobilizador para uma história que confrontasse esses equívocos, que permanecem completamente atuais, com aquilo que são hoje as questões dos mal entendidos da atualidade moçambicana. (Couto 2006c)

O episódio ficcionalizado por Mia Couto neste romance, de fato, oferece farto material para a encenação dos muitos mal-entendidos que existem hoje com relação às sociedades africanas, tais como a idéia de que há uma identidade africana imutável, que pode ser encontrada naquele chão – é o que procura o casal de afro-americanos da história-moldura; a idéia de que o nyanga, o adivinho, é um homem que vive fora do seu tempo, em contato com os antepassados – não é como se apresenta, ao leitor, Lázaro Vivo; a idéia de que o poder, nas sociedades africanas, concentra-se nas mãos dos homens – em *O outro pé da sereia* (Couto 2006), são as mulheres (humanas ou não) que realizam as travessias entre tempos e espaços, tecendo a história.

Há, contudo, uma outra razão para que a escolha do autor tenha recaído justamente sobre esse episódio da história, sobre essa personagem que é D. Gonçalo da Silveira. Segundo Paiva e Pona (1892: 16), este jesuíta “foi o primeiro português que derramou o seu sangue nos sertões mais remotos da província de Moçambique”. Sobre a nacionalidade do jesuíta há controvérsias, pois se Paiva e Pona afirma ser ela portuguesa, o historiador Malyn Newitt apresenta-a como castelhana (1995: 62). O certo é que, vítima de uma cilada de intrigas tecida pelos mouros, bem ao gosto camoniano, D. Gonçalo da Silveira tem sua morte decretada pelo mesmo

---

4 Os romances anteriormente publicados por Mia Couto são os seguintes: em 1992, *Terra sonâmbula* (1995); em 1992, *A varanda do frangipani* (1993); em 2000, *O último voo do flamingo* (2005); em 2002, *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003).

imperador que ele acreditava ter convertido. É fato também que a repercussão da notícia de sua morte causou impacto na Europa. Segundo Newitt (1995: 62),

As referências ao homicídio chegaram à Europa por intermédio das cartas do jesuíta Luís Fróis, e [...] ajudaram a chamar a atenção, pela primeira vez, do mundo letrado para a África Central. A morte de Silveira ocorreu numa altura em que a estratégia imperial portuguesa sofria profunda remodelação, sendo provável que o acontecimento tenha contribuído para a formulação das políticas expansionistas praticadas nas duas décadas seguintes.

Assim, a morte de Silveira parece ter sido a gota que faltava para que Portugal enfatizasse a política de ocupação dos territórios africanos e a usurpação e expropriação das riquezas locais, que perduraria ali por mais de quatrocentos anos.

Diz Mia Couto que "quem tem demasiada raiz não chega nunca a ganhar asa. E eu quero é voar" (Couto 2006b). Acreditamos, portanto, que esta imersão na história remota de Moçambique, que vem acompanhada por um refinamento lingüístico mais apurado, tenha sido um recuo estratégico que impulsionou sua obra para um vôo literariamente mais amplo e profundo.

#### REFERÊNCIAS

CAMÕES, Luiz Vaz de. *Os lusíadas*. São paulo: Abril Cultural, 1979.

COUTO, Mia. A crítica e a criação. Entrevista a Rita Chaves e Tania Macêdo. In: *Biblioteca Sonora*. Rádio USP, 14 de agosto de 2006. Disponível em <http://www.radio.usp.br/programa.php?id=2&edicao=060814>. Acesso em 15 out. 2006c.

COUTO, Mia. *A varanda do frangipani*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1993.

\_\_\_\_\_. *O outro pé da sereia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *O último voo do flamingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. Palestra de lançamento do romance *O outro pé da sereia*. São Paulo, SESC Vila Mariana, 06.01.2006b. [Notas].

\_\_\_\_\_. *Terra sonâmbula*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

\_\_\_\_\_. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DUFOUR, Dany-Robert. *A arte de reduzir as cabeças: sobre a escravidão na sociedade ultraliberal*. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

ESTEVES, Antônio R. O novo romance histórico brasileiro. In: ANTUNES, Letizia Zini (org.). *Estudos de literatura e lingüística*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998. p. 125 – 158.

HANDERSON, James. Le baptême par le Saint-Esprit. In: *Worldwide church of Africa: la francophonie*. Disponível em <http://www.wcg.org/africa/Francophonie/Articles/Franco19.htm>. Acesso em 6 nov. 2006.

NEWITT, Malyn. *História de Moçambique*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995.

NOGUEIRA, Eurico. Igreja católica em Moçambique. In: CRISTÓVÃO, Fernando (dir. e coord.) et al. *Dicionário temático da lusofonia*. Lisboa: ACLUS – Associação de Cultura Lusófona: Texto Editores, 2005. 529-530.

PAIVA e PONA, António Pereira. *Dos primeiros trabalhos dos portugueses no Monomotapa: o padre D. Gonçalo da Silveira, 1560*. Memória apresentada à 10<sup>a</sup>. Sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHWARTZMAN, Hélio. O avanço dos clones. In: Pensata. *Folha on line*, 26.05.2005. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult510u196.shtml>. Acesso em 29 out. 2006.